

GÊNERO E SUPERDOTAÇÃO: UM OLHAR PARA A REPRESENTAÇÃO FEMININA

Clarissa Maria Marques Ogeda *
Ketilin Mayra Pedro **
Miguel Cláudio Moriel Chacon ***

Resumo: Os estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD) apresentam habilidade acima da média, altos níveis de envolvimento com a tarefa e criatividade. Embora este fenômeno possa se manifestar no gênero masculino ou feminino, as pesquisas demonstram que o número de homens identificados como AH/SD é superior. Sendo assim, objetivamos revisar e analisar as produções acadêmicas, indexadas em bases de dados, que versavam sobre gênero no contexto das AH/SD. Os dados de pesquisa revelaram que há poucas produções nacionais que investiguem indivíduos do gênero feminino dentro da AH/SD, o que evidencia uma dificuldade na identificação de meninas AH/SD. Apontamos urgência de mais pesquisas que auxiliem na elucidação dos motivos pelos quais essa realidade ocorre e na quebra de paradigmas sexistas instaurados historicamente e socialmente para que essas meninas deixem de ser negligenciadas.

Palavras-chave: Altas habilidades/Superdotação. Gênero. Produções Acadêmicas.

GENDER AND GIFTEDNESS: THE SUB-REPRESENTATION OF WOMEN

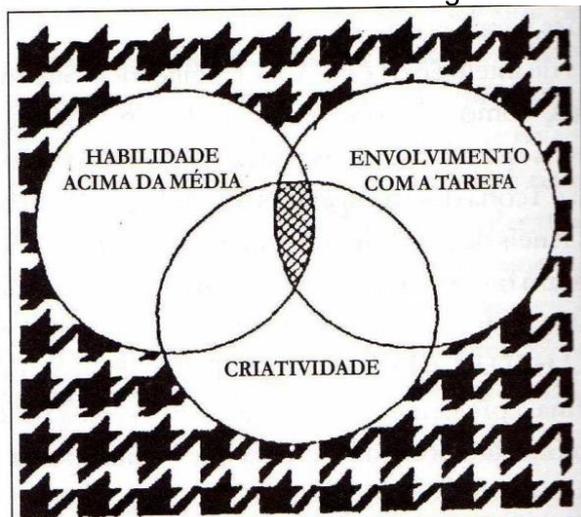
Abstract: Students with high abilities / giftedness (AH/SD) have above average ability, high levels of engagement with tasks and creativities. Although this phenomenon can manifest itself in the male or female gender, the research shows that the number of men identified as AH / SD is higher. Therefore, we aimed to review and analyze the academic productions indexed in databases, which focus on gender in the context of AH/SD. Researches revealed that there are few national productions to investigate female individuals within the AH/SD, which shows a difficulty in identifying AH/SD girls. Pointed urgency for more research to assist in the elucidation of the reasons why this situation occurs and to break the sexist paradigms historically brought and social so that these girls are no longer neglected.

Keywords: High Abilities/Giftedness. Gender. Academic Productions.

Introdução

Os indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) são aqueles que apresentam características que os diferenciam dos de desenvolvimento típico. Segundo Renzulli (1986) esses indivíduos apresentam três traços humanos: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e altos níveis de criatividade. Para este autor o fenômeno da superdotação se manifesta na intersecção dos três anéis, sendo que estes sofrem influência dos fatores ambientais que é representado pelo fundo “pied-de-poule”, conforme apresenta a Figura 1.

Figura 1- Modelo dos Três Anéis - Diagrama de Venn



Fonte: Renzulli (1986).

Vale ressaltar que esses traços deverão estar presentes com certa frequência, intensidade e consistência ao longo do tempo. Renzulli (1988, p. 20) ressalta que não há garantia de uma rotulação definitiva em qualquer estudante, pois os comportamentos superdotados “[...] são manifestações do desempenho humano que podem ser desenvolvidas em certas pessoas, em determinados momentos e sob determinadas circunstâncias”. Sendo assim, a superdotação não seria um atributo somente do indivíduo e sim resultado de sua interação com o ambiente.

Segundo Prado et al. (2011) nas últimas duas décadas, pesquisadoras da área questionaram as concepções de talento humano alegando que essas são embasadas em valores androcêntricos, pois as teorias com relação à temática eram formuladas majoritariamente por pessoas do gênero masculino.

Sendo assim, percebe-se que há na literatura certa dificuldade em definir o termo gênero, pois essa é uma denominação ainda em fase de construção e legitimação, mas, segundo Scott, “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos... o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86).

Embora a literatura indique que o fenômeno da superdotação pode se manifestar em crianças de gênero masculino ou feminino, as pesquisas demonstram que o número de homens identificados como AH/SD é significativamente superior ao de mulheres (WINNER, 1998; MAIA-PINTO,

FLEITH, 2004). Tal fato pode ser atribuído à cultura que permeia o gênero feminino, sendo que feminino e masculino são apontados como categorias opostas e hierarquizadas, visto que durante muito tempo as mulheres estiveram excluídas do universo acadêmico, sendo por vezes consideradas incapazes.

Segundo Prado (2011) o papel social desempenhado pela mulher e os padrões de desenvolvimento e livre expressão de suas habilidades e talentos são promovidos ou inibidos essencialmente por fatores relacionados ao contexto em que vivem. Assim, a influência cultural que é exercida em diversos ambientes, inclusive o escolar, reforça os estereótipos, o que pode se constituir como uma barreira no desenvolvimento das habilidades dessas mulheres. Essas, quando não identificadas em ambiente educacional, são impedidas de desfrutar de oportunidades educacionais enriquecedoras suplementares ao da escolarização regular, como garantido pela legislação.

A escola é apontada como uma instituição que acaba por reproduzir práticas produtoras ou mantenedoras das desigualdades, contrariando seu papel de agente de mudança (REIS, 2011).

Sobre a representação feminina no universo da superdotação Colmenares (1997) aborda o fenômeno “desequilíbrio no ápice”¹, este poder ser aplicado a mulheres que apresentam um alto desempenho em avaliações cognitivas, no entanto, não obtiveram sucesso em suas carreiras, sendo que estas, geralmente, ocupam-se apenas de atividades domésticas.

Ao extrair dados da Plataforma *Lattes*, referentes ao ano de 2016, sobre a quantidade de pesquisadores em diferentes níveis, constatamos que quanto maior o nível acadêmico, menor a representatividade das mulheres. Ao observar a quantidade de pesquisadores doutores em nosso país, verificamos que 53% são do sexo masculino, enquanto 47% são do feminino. Os números são ainda mais discrepantes ao analisar os pesquisadores que são bolsistas produtividade sênior, neste caso 78% são do sexo masculino e 22% feminino. Esses dados amostrais corroboram com o fenômeno apontado por Colmenares (1997).

Sabe-se que, segundo Reis (2011) muitos indicadores nacionais apontam que o Brasil está muito próximo de uma das Metas de Desenvolvimento do Milênio e do pacto de Educação para Todos, que é a

paridade de gêneros. Mas, esmiuçando as estatísticas percebe-se que há nichos em que as mulheres são tratadas de maneira diferente tendo as concepções sobre elas pautadas em preconceitos e estereótipos.

Aqui cabe diferenciar algumas terminologias que são utilizadas de maneira errônea e descontextualizada. Paridade de gêneros é considerada um conceito numérico, ou seja, diz respeito ao acesso físico do estudante, já a igualdade de gêneros vai além e significa igualdade em termos de oportunidades educacionais, relacionando-se ao termo equidade.

Colmenares (1997) aponta ainda a existência de quatro barreiras principais que dificultam o desenvolvimento e eminência de estudantes superdotadas: 1- Dificuldades na identificação – geralmente as estudantes ocultam o próprio potencial, com o objetivo de não diferenciar-se das demais e não sofrer sanções da sociedade e da família; 2- Conflitos entre talento e feminilidade – a cultura familiar e social prega que a mulher deve adotar determinado estilo profissional e de vida, sendo que esta deve priorizar a casa e a família; 3- Baixo rendimento na área de ciência – devido à falta de modelos femininos nesta área, sendo que as estudantes superdotadas não irão escolher áreas que não conhecem ou que não se identificam; 4- Baixa autoestima – estudantes superdotadas, geralmente, consideram que suas habilidades são inferiores, não creem na sua própria capacidade e interiorizam sentimentos de autodesprezo.

Maia-Pinto e Fleith (2004) ressaltam que há, ainda, uma ideia equivocada de que pessoas do gênero masculino possuem maior facilidade em áreas que exigem habilidades físicas e técnicas, e que as do gênero feminino têm melhor desempenho em áreas de domínio artístico, social e afetivo. Esse pensamento acaba reforçando os estereótipos e consequentemente os vieses na identificação desse público-alvo.

Por essas e outras razões mulheres são identificadas em menor número, o que faz com que não reconheçam ou escondam os indicadores de AH/SD e custem a construir sua identidade como tal. Quando falamos em superdotação geralmente pensamos em crianças, nos esquecendo que essas crianças crescem. Se falar em superdotação para muitas pessoas, que ainda tem uma ideia permeada por mitos, causa desconforto imagine falar em superdotação em uma população tão subvalorizada como as mulheres.

Homens e mulheres ao longo de boa parte da história realizaram papéis sociais diferentes e muito bem definidos. As expectativas de papéis sociais desempenhados por cada um, com os outros, e consigo mesmos, naturalmente, variam de acordo com múltiplos aspectos como classe social, grau de instrução, religião etc., mas percebemos que o gênero se sobrepunha a todos esses outros fatores. Assim, mais do que uma determinação biológica o gênero se coloca como forte determinante social a ponto de a igualdade de gêneros ainda se constituir como uma das Metas de Desenvolvimento do Milênio, destacadas no Relatório da UNESCO (REIS, 2008).

Compreender as representações ocorridas com a divisão social dos sexos e de outros sistemas de dominação existentes torna-se imprescindível para a transformação das relações sociais. Entre as narrativas e as intervenções promotoras da cidadania e da democracia, as relações de gênero vêm ampliar os múltiplos aspectos das desigualdades sociais, tendo a educação como preponderante nesse processo (REIS; GOMES, 2011).

Quando falamos nos saberes transmitidos nas escolas percebemos também que a grande maioria dos gênios estudados é do gênero masculino enquanto há milhares de mulheres que poderiam ser citadas em todas as áreas do saber e fazer humanos, isso mostra que os professores e os livros didáticos ainda não valorizam como deveriam as conquistas femininas fazendo com que o número de mulheres que se arrisca a dedicar sua vida à ciência ainda seja baixo. Colmenares (1997) considera que a falta de modelos femininos eminentes é um dos fatores que fazem com que haja um baixo rendimento feminino na área das ciências.

Na Europa, até a década de 20, mulheres que queriam ingressar nos ambientes acadêmicos dependiam de professores particulares que lhes ensinasse latim, ciências e matemática, pois estes eram conhecimentos transmitidos somente a pessoas do sexo masculino, porém exigidos nos exames de admissão das grandes universidades. Nos Estados Unidos (EUA) a situação era um pouco diferente, ali se admitiam mulheres como alunas, porém nunca como pesquisadoras (MCGRAYNE, 1994).

Valores religiosos também podem ser responsáveis por atravancar ou estimular a produção científica feminina, metade das mulheres ganhadoras de prêmios Nóbels eram de origem judaica. Apesar de a população de judeus ser

de apenas 3% nos EUA eles se somam aproximadamente 27% dos ganhadores do prêmio Nobel, isso se deve, segundo Mcgrayne (1994) ao compromisso que os judeus têm com o saber científico e o estudo.

Mcgrayne destaca também, em sua obra, que o primeiro prêmio Nobel foi concedido em 1901, mas a primeira mulher a ser agraciada com esse prêmio foi a física nuclear Marie Curie, somente em 1903, sendo também a única a receber um segundo prêmio em 1911. Marie Curie foi uma pioneira, tanto por sua coragem e determinação, como por suas descobertas científicas. Nascida na Polônia em 1867, Marie estudou química e física na França. Foi ela quem deu nome ao termo radioatividade e descobriu dois novos elementos químicos: o rádio e o polônio. Seu primeiro Prêmio Nobel, pelas pesquisas sobre radiação em 1903, foi dividido com seu marido Pierre Curie e o físico Henri Becquerel. O segundo, em química, em 1911, deveu-se à descoberta do elemento rádio. Como se não bastasse, Marie esteve à frente da implementação de um sistema de radiografia móvel durante a Primeira Guerra Mundial que ajudou na recuperação de milhões de soldados. Marie também contribuiu com a ciência ao aprisionar o gás que emanava do elemento rádio e enviar os tubos para o tratamento do câncer em hospitais do mundo inteiro. Apesar de sua enorme contribuição científica, Marie Curie só foi realmente reconhecida após a morte do marido.

Essa cultura que exclui as mulheres do mundo científico também fica evidente pelas categorias dos prêmios, por meio de um levantamento sobre o prêmio Nobel, constatamos que 44 mulheres foram laureadas, num universo de 851 prêmios Nóbels, ou seja, aproximadamente 5%, sendo a categoria com mais premiações a da “paz”, contando com 15 prêmios e o de “literatura” que conta com 12 mulheres premiadas, a categoria seguinte, com 10 prêmios conquistados é “medicina” seguido por “química” com quatro prêmios, “física” com dois prêmios e “economia” somente um.

Mcgrayne (1994) cita que Gety Cori, que estudou o metabolismo dos carboidratos, as enzimas e as doenças infantis relacionadas a deficiências enzimáticas não conseguiu lecionar numa universidade até o ano em que recebeu o prêmio Nobel, mostrando o quão negligenciadas as mulheres são no ambiente acadêmico. “Até agora ninguém, nem universidades, nem iniciativa privada, governo ou público em geral resolveu o problema que a natureza criou

para as cientistas. Capazes como são, provavelmente elas mesmas o resolverão [...]” (MCGRAYNE, 1994, p. 394).

Sabendo-se que a construção da identidade não é efetuada sob as mesmas condições para meninos e meninas essa pesquisa teve por objetivo revisar da literatura e analisar as produções acadêmicas que versavam sobre gênero no contexto das AH/SD, já que as teorias relacionadas a temática pouco fazem essa distinção.

Sobre as revisões de literatura, Omote (2014) afirma que frente ao farto volume de publicações disponíveis em periódicos e portais *online*, torna-se importante e necessário trabalhos que busquem identificar e analisar as publicações disponíveis, com o objetivo de delinear um estado da arte sobre o assunto e também identificar novas temáticas e objetos a serem pesquisados.

Sendo assim, para atingirmos nosso objetivo de pesquisa: realizamos uma revisão da literatura, sobre produções acadêmicas na área das AH/SD; selecionamos aquelas que contemplavam a temática de gênero dentro do fenômeno da superdotação; e analisamos as mesmas com base nos teóricos apresentados anteriormente.

Método

Foi realizado um levantamento na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

O SciELO é uma plataforma de acesso aberto que reuni variados periódicos que são selecionados e avaliados rigorosamente, sendo que apenas aqueles que apresentam grande rigor científico são incorporados (OLIVEIRA; GRÁCIO, 2008; JACOB; JACOB, 2013).

A BDTD é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e reuni teses e dissertações de instituições de ensino de todo o país, destacando-se como uma das maiores iniciativas brasileiras na divulgação de produções acadêmicas.

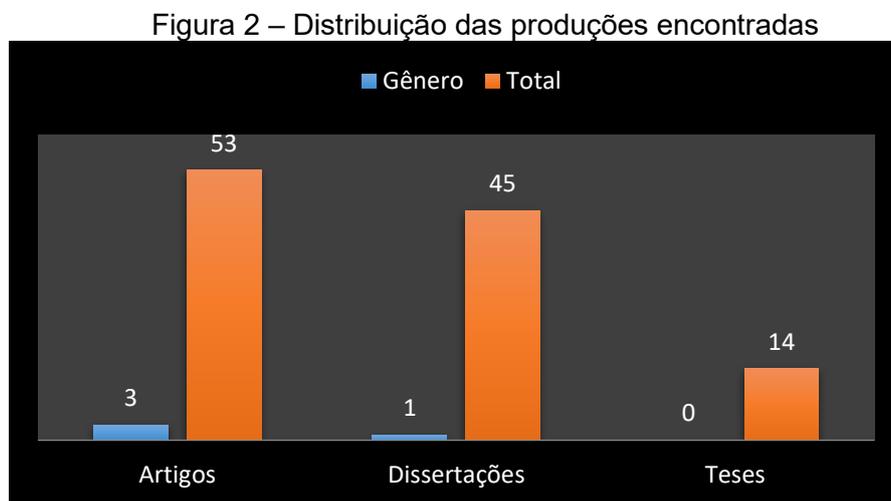
Para realização do levantamento utilizamos os seguintes descritores: talento, superdotação, dotação, altas habilidades e precocidade. Justificamos a utilização de diversificados descritores por não haver consenso teórico na área,

sendo que de acordo com o referencial teórico a definição e nomenclatura referente a superdotação pode variar.

Após esse levantamento, a fim de evitar duplicações, realizamos uma comparação para verificar se haviam trabalhos que se repetiam nos diferentes descritores e posteriormente selecionamos os trabalhos encontrados que tratavam da temática gênero.

Resultados e discussões

A fim de apresentar o tipo de produções acadêmicas encontradas sobre a temática de gênero elaboramos a Figura 2.



Fonte: Elaboração própria.

Em um universo de 53 artigos, verificamos que três tinham como foco a temática de gênero. Em relação às dissertações encontradas somente uma versava sobre gênero em um total de 45 produções, em relação às produções referentes as teses de doutorado, não encontramos nenhuma que estudava essa temática.

Segundo Martins et al. (2016) as pesquisas em AH/SD vem se intensificando desde 2006 no Brasil, porém percebemos que apesar dos recentes ganhos ainda há muito a ser feito para identificar as AH/SD feminina. Sendo assim, com o intuito de conhecer os estudos existentes nesta área, a seguir, apresentaremos e discutiremos cada uma das produções encontradas.

Prado et. al (2011) realizou um ensaio que buscou contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno do talento em pessoas do gênero feminino

e discutir os fatores que facilitam e atravancam uma performance de destaque. Propõe assim algumas orientações para a realização de pesquisas futuras com o objetivo de possibilitar a investigação dos aspectos envolvidos no desenvolvimento do talento no universo feminino. Essas propostas vão desde a realização de pesquisas longitudinais para o detalhamento das características evolutivas do desenvolvimento do talento ao longo do curso da vida; realização de pesquisas qualitativas com mulheres talentosas com o objetivo de examinar de forma detalhada e aprofundada a diversidade de aspectos que atuaram ao longo do seu percurso até o topo da carreira; investigar a relação entre sobrecarga de trabalho, estresse ocupacional e alto desempenho até investigações das interações que ocorrem nos vários subsistemas familiares, como o conjugal, parental ou fraternal e seu impacto no desenvolvimento de mulheres em início e fim de carreira profissional. Prado pontua que conciliar os múltiplos papéis da mulher se constitui como um dos principais fatores que atravancam o desenvolvimento do talento feminino, as tarefas domésticas não são igualmente divididas entre todos os membros familiares fazendo com que a saúde psicológica da mulher seja fortemente abalada. Harmonizar a vida pessoal, familiar e profissional ainda se impõe como um grande desafio para as mulheres na sociedade contemporânea.

Alencar e Virgolim (2001) citam que os estereótipos de gênero e as expectativas sobre o papel feminino na sociedade dificultam e chegam até a impedir muitas mulheres de alcançar uma posição eminente e de oferecer contribuições significativas em diversos campos, especialmente naqueles tradicionalmente considerados masculinos, como o campo acadêmico. Os dados apontados nesta pesquisa corroboram com os achados de Colmenares (1997) sobre a temática, evidenciando a existência do fenômeno “desequilíbrio no ápice” e a influência que a cultura exerce sobre o papel da mulher na sociedade.

Reis (2008) objetivou investigar os fatores envolvidos na sub-representação feminina em um programa de atendimento em AH/SD, para tal investigou os critérios para identificar e encaminhar alunos superdotados a determinado programa de atendimento. Com base nos dados encontrados, selecionou geograficamente a área com a menor representação de meninas, após isso, nesses locais aplicou entrevistas e questionários com os

profissionais responsáveis pela indicação dos alunos e com os profissionais do programa e concluiu que a subestimativa dos talentos femininos ocorre na seleção e na indicação de discentes pelos professores do ensino regular. Geralmente as meninas são vistas pelas lentes de estereótipos, com a internalização de imagens de inferioridade pelos próprios professores e por elas mesmas, entretanto, os professores e psicólogos do programa investigado evidenciaram compreender a paridade de gêneros e o conceito de AH/SD de maneira coerente com a literatura. Assim, a sub-representação de meninas surge antes da porta de entrada dos programas de atendimento, havendo assim a necessidade de que os professores do ensino regular estejam adequadamente preparados para realizar os encaminhamentos.

Várias pesquisas corroboram com esse dado, como por exemplo, o estudo de Chacon et al. (2014) que versa sobre um programa de extensão localizado na cidade de Marília e de Maia-Pinto e Fleith (2004) que contempla um programa de atendimento localizado no Distrito Federal. Ambos os estudos constataram que são encaminhados mais meninos do que meninas aos referidos programas, com diferenças extremamente relevantes. Este achado também foi pontuado por Winner (1998), ao analisar a diferença numérica entre os gêneros com vantagem para o sexo masculino nos programas de atenção aos superdotados, diferença essa explicada pela autora em função de desigualdades culturalmente enraizadas. Uma pesquisa realizada para a Secretaria de Educação Especial do MEC (PÉREZ, 2011), também evidenciou este dado ao verificar que dentre os estudantes AH/SD apenas 38,7% são meninas.

A pesquisa de Pérez e Freitas (2012) teve como objetivo revisitar a história de duas mulheres identificadas com AH/SD já na fase adulta, constataram que houve uma progressiva aceitação dos indicadores e que a identificação foi um fator decisivo na construção da identidade como pessoa com AH/SD apesar de todos os fatores individuais e ambientais terem sido impostos como barreiras.

Pesquisadoras renomadas como Linda Silverman, Sylvia Rimm, Barbara Kerr, Karen Arnold, Kathleen Noble, Rena Subotnik e Sally Reis, contribuíram para a área ao desenvolverem pesquisas relacionando gênero e alto rendimento, algumas delas adaptando modelos e concepções de talento

incluindo aspectos considerados relevantes para as mulheres (PRADO et al. 2011).

Segundo Howell (1998) programas educacionais para alunos AH/SD devem objetivar mudanças nas atitudes para carreiras que tradicionalmente têm sido fora dos limites do gênero, influenciar as atitudes e comportamentos positivos das pessoas em seu ambiente, alterar as práticas educativas sexistas instauradas nas escolas regulares e corrigir a imagem da matemática e da ciência, separando-as do gênero.

Sobre essa temática, Silverman (1986) aponta que, historicamente, capacidades excepcionais e o papel das mulheres têm sido utilizados como termos antagônicos (membros de uma categoria inferior não podem estar acima da média) e os procedimentos de identificação refletem a concepção masculina de talento.

Kerr (1985) conclui em suas pesquisas que os testes de identificação, os preconceitos, sistemas organizados de recompensa, os estereótipos sobre os papéis sexuais e os conflitos entre a educação e o casamento e a família são obstáculos para o desenvolvimento de alunas superdotadas. Portanto, frente a tantas barreiras sociais, não é de se surpreender que mais meninos do que meninas superdotadas se tornem adultos eminentes.

O estudo de Reis e Gomes (2011) é um artigo fruto da dissertação de mestrado de Reis defendida na Universidade Católica de Brasília em 2008, sendo que o objetivos e resultados de pesquisa são semelhantes a produção de Reis (2008) discutida anteriormente.

Sternberg (2004) realizou uma pesquisa na qual examinou a concepção de inteligência em culturas diferenciadas e identificou que em países de cultura chinesa se enfatizam características de benevolência e justiça, enquanto em países ocidentais são destacados os aspectos cognitivos, como raciocínio lógico, memória e atenção. Isso mostra que as diferenças presentes entre as culturas acabam por valorizar e estimular em maior grau determinada habilidade em detrimento de outras e isso não se mostra diferente em relação às culturas machistas, na qual existe a dicotomia “pensar x fazer” e o homem é ressaltado como ser pensante e a mulher como executora. Mesmo assim, diante de tantas dificuldades, percebemos que as mulheres vêm conseguindo,

aos poucos, superar muitos dos obstáculos impostos pela sociedade patriarcal e seus ganhos e conquistas já não podem mais ser omitidos.

Considerações finais

Ao término deste trabalho constatamos que há poucas produções nacionais que investiguem indivíduos do gênero feminino dentro do contexto da superdotação, o que evidencia uma dificuldade na identificação de meninas com AH/SD e pouca atenção sobre esta temática. Os estudos encontrados e discutidos revelam, de maneira geral, que aspectos culturais e sociais são fatores que dificultam a identificação e avaliação de estudantes superdotadas. Sugere-se não só uma reflexão levando em conta esses aspectos, mas também mudanças na formação dos profissionais que atuam na área.

Dessa maneira, ressaltamos a urgência de mais pesquisas que auxiliem na elucidação dos motivos pelos quais essa realidade ocorre e na quebra de paradigmas sexistas instaurados histórica e socialmente para que essas meninas deixem de ser negligenciadas e possam desfrutar de seu direito ao Atendimento Educacional Especializado conforme a legislação pressupõe, com vistas a uma sociedade mais justa e igualitária que considere suas diferenças, semelhanças e multiplicidades.

NOTAS

* Clarissa Maria Marques Ogeda é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Marília. Atua como educadora no Programa de Atenção ao Estudante Precoce com Comportamento de Superdotação (PAPCS) - UNESP/Marília. É integrante do Grupo de Pesquisa: Educação e Saúde de Grupos Especiais (Unesp/Marília e Famema). E-mail: clarissaogeda@gmail.com

** Ketilin Mayra Pedro é doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Marília com doutorado sanduíche na Universidade de Barcelona/Espanha, mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Marília, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Bauru. É pedagoga do Programa de Atenção ao Estudante Precoce com Comportamento de Superdotação (PAPCS) - UNESP/Marília. Membro do Grupo de Pesquisa "Educação e Saúde de Grupos Especiais" (Unesp/Marília e Famema). Membro da Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na Catalunha. E-mail: ketilinp@yahoo.com.br

*** Miguel Cláudio Moriel Chacon é graduado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (1983), especialista em Metodologia da Pesquisa Educacional pela Universidade Federal de Mato Grosso (1992), mestre em Educação

pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1995), doutor em Educação Brasileira pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (2001) com doutorado sanduíche no Instituto de Ciências Humanas e Sociais - Université Rene Descartes, Paris V, Sorbonne (2000), pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2013). É professor assistente do Departamento de Educação Especial e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, Campus de Marília. E-mail: profmcmchacon@gmail.com

¹ No original o termo é “desequilíbrio en las cumbres”.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de; VIRGOLIM, Ângela Magda Rodrigues. Dificuldades emocionais e sociais do superdotado. In: ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano (Ed.). **Criatividade e educação dos superdotados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 174-205.

CHACON, Miguel Cláudio Moriel; PEDRO, Ketilin Mayra; KOGA, Fabiana Oliveira. Programme de formation au Brésil pour des élèves intellectuellement précoces ou à haut potentiel (PAPAHS). **La nouvelle revue de l'adaptation et de la scolarisation**. Paris, n. 66, p. 1-18, 2014.

COLMENARES, Carmen Garcia. Género y superdotación: las mujeres superdotadas. In: BRAVO, Carlos. Martín. **Superdotados: problemáticas e intervención**. Valladolid: Servicio de Apoyo a la Enseñanza, 1997, p. 117-140.

HOWELL, Roy.; HEWARD, Willian Lee; SWASSING, Raymond Henry. Los alumnos superdotados. In: HEWARD, Willian Lee. **Niños Excepcionales: una introducción a la educación especial**. Madrid: Pearson Educación, 1998, p. 435-480.

JACOB, Viviane Cardoso; JACOB, Inês Cardoso. Avaliação da usabilidade na web: biblioteca eletrônica SciELO e a base de dados Scopus. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 27, n. 2, p. 47-62, 2013. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/3623>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

KERR, Bárbara. Smart girls, gifted women: special guidance concerns. **Roeper Review**. n. 8, p. 30-33. 1985.

MAIA-PINTO, Renata Rodrigues; FLEITH, Denise de Souza. Avaliação das práticas educacionais de um programa de atendimento a alunos superdotados e talentosos. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 8, n. 1, p. 55-66, 2004.

MARTINS, Bárbara Amaral; PEDRO, Ketilin Mayra; OGEDA, Clarissa Maria Marques; SILVA, Rosilaine Cristina da; KOGA, Fabiana Oliveira; CHACON, Miguel Cláudio Moriel. Altas Habilidades/Superdotação: Estudos no Brasil. **Journal of Research in Special Educational Needs**, 2016. No prelo.

MCGRAYNE, Sharon Bertsch. **Mulheres que ganharam o prêmio Nobel em ciências: suas vidas, lutas e notáveis descobertas**; [trad. Maiza Rocha e

Renata Brant de Carvalho]. –São Paulo: Marco Zero, 1994.

OMOTE, Sadao. Produções acadêmicas em educação especial. In: OMOTE, Sadao; OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; CHACON, Miguel Cláudio Moriel. **Ciência e conhecimento em educação especial**. São Carlos: Marquezine&Manzini: ABPEE, 2014.

OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. Rede de colaboração científica no tema “estudos métricos”: um estudo de co-autorias através dos periódicos do SciELO da área de ciência da informação. **Brazilian Journal of Information Science**. v. 2, n. 2, p. 35-49, 2008. Disponível em: <vufind.uniovi.es/Record/ir-ART0000579110/Details>. Acesso em: 11 abr. 2016.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera; FREITAS, Soraia Napoleão. A mulher com altas habilidades/superdotação: à procura de uma identidade. **Rev. bras. educ. espec**, v. 18, n. 4, p. 677-694, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000400010>. Acesso em: 13 mar. 2016.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. **Proposta de Orientações Pedagógicas para a Organização e Oferta de atendimento educacional especializado - AEE - para alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Relatório de Consultoria. Brasília: UNESCO/ SEESP/ MEC, 2011.

PRADO, Renata Muniz; FLEITH, Denise de Souza; GONÇALVES, Fernanda do Carmo. O desenvolvimento do talento em uma perspectiva feminina. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 01, 2011.

REIS, Ana Paula Poças Zambelli dos. **Representação feminina em um programa de atendimento às altas habilidades/superdotação**. Dissertação (mestrado). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/892>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

REIS, Ana Paula Poças Zambelli dos; GOMES, Cândido Alberto. Práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdades: A subrepresentação de meninas entre os alunos superdotados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 02, 2011.

RENZULLI, Joseph. The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. In: RENZULLI, Joseph.; REIS, Sally. (Eds.). **The triad reader. Mansfield Center: Creative Learning**, 1986, p. 2-19.

_____. **Technical report of research studies related to the enrichment triad /revolving door model**. Storrs, CT: University of Connecticut, Teaching the Talented Program, 1988.

SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVERMAN, Linda Kreger. Pareting Young gifted children. **Journal of**

Children in Contemporary Society, n. 18, p. 73-87, 1986.

STERNBERG, Robert. Culture and intelligence. **American Psychologist**, n. 59, p. 325-338, 2004.

WINNER, Ellen. **Crianças superdotadas**: mitos e realidades. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Recebido em: agosto de 2016.

Aprovado em: fevereiro de 2017.